

Localização, fluxo interregionais e competitividade.

A Indústria Têxtil Norte Mineira e sua capacidade de induzir o Desenvolvimento Regional¹

MAIA, M^a de Fátima Rocha; RODRIGUES, Luciene; CORDEIRO, Luciana M^a Costa.
Professoras pesquisadoras do Núcleo de Pesquisas em Economia da Universidade
Estadual de Montes Claros – UNIMONTES – Brasil. mdfrm@ig.com.br

A indústria têxtil é importante geradora de renda e emprego. No Brasil, a maior abertura comercial obrigou a indústria a se reestruturar, dado que, defasada tecnologicamente, tinha de competir com indústrias de países desenvolvidos. O setor têxtil norte-mineiro teve processo de modernização bastante acelerado, diferente do nacional. O objetivo do artigo é analisar a cadeia produtiva têxtil da região norte-mineira, avaliando seu processo de evolução e as modificações estruturais da economia pós década de 90 e o seu papel no desenvolvimento regional. A atividade têxtil na região norte-mineira é importante geradora de renda e emprego, e o setor tem se destacado mais do que o nacional, devido à rápida e profunda reestruturação da organização do trabalho e da produção. Ademais, o setor têxtil norte mineiro usufrui os incentivos fiscais como fator de promoção do desenvolvimento. A análise do processo de industrialização regional revela que a cadeia têxtil no Norte de Minas é caracterizada como uma das atividades que mais têm contribuído para promoção do desenvolvimento desta região, constituindo-se como indústria motriz, e tem apresentado desempenho diferenciado entre o setor têxtil norte-mineiro e o nacional, pós-abertura comercial.

Palavras-chave: Norte de Minas, Cadeia produtiva, Indústria Têxtil, Desenvolvimento regional.

¹ Agradecemos especialmente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - **FAPEMIG**, pelo apoio financeiro e pela confiança destinados à execução deste projeto. Um agradecimento especial, também à Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, pelo estímulo ao desenvolvimento científico na instituição.

Introdução

A indústria têxtil teve papel marcante no processo de industrialização brasileira. As empresas estão espalhadas por todas as regiões do país, gerando empregos diretos e indiretos nas fases a montante e a jusante do processo produtivo.

O processo de abertura comercial, a privatização das empresas estatais do setor produtivo e a estabilização de preços aumentaram de forma significativa o grau de concorrência da economia brasileira. Como o setor têxtil brasileiro desfrutava de um ambiente protecionista, favorável à sua manutenção e expansão, cabe avaliar a inserção da indústria têxtil e a forma como sentiu os impactos causados pela abertura econômica.

A indústria têxtil teve de se reestruturar, para conseguir sobreviver em um cenário desfavorável, visto que, defasada tecnologicamente, tinha de competir com indústrias de países desenvolvidos - avançadas tecnologicamente e com alto nível de produtividade - competiam com preços bem menores que os brasileiros.

Na Região Norte de Minas Gerais houve uma gradativa melhoria qualitativa nos produtos têxteis, o que os tornou mais competitivos em nível nacional e internacional. Tem contribuído para esse desempenho os incentivos da SUDENE² e do BNDES³. Dessa forma, o setor têxtil norte-mineiro foi um dos setores que tiveram processo de modernização mais acelerada, onde a atualização tecnológica tornou-se uma condição essencial de sobrevivência. Na região Norte de Minas, na década de 1970, sob incentivos econômico-financeiros da SUDENE, foram construídos dois distritos industriais - Montes Claros e Pirapora, devido as suas vantagens aglomerativas. Em 2006, essas duas cidades concentram quase que totalmente as indústrias têxteis da região, sendo que Montes Claros conta com plantas das indústrias Paculdino, Coteminas S.A (Matriz, Cotenor, Cebractex, Lençóis, Santanense) e Pirapora, com as fábricas Cachoeira Velonorte, Cia Têxtil Pirapora, Cedronorte e Santo Antônio.

O problema de pesquisa pode ser sintetizado nas questões: *(i)* em que medida a indústria têxtil, por meio de suas relações intra e intersetoriais, pode ser considerada *indústria motriz* no sentido Perrouxiano, indutora do desenvolvimento regional? *(ii)* quais foram as principais mudanças, após a abertura comercial dos anos 1990 e suas conseqüências para a organização do trabalho, da produção e da competitividade das

² Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

³ Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

empresas, sobretudo nas regiões em que as atividades têxteis se fazem tão expressivas, como no Norte de Minas Gerais?

O objetivo do artigo é analisar a cadeia produtiva têxtil da região norte-mineira, avaliando o processo de evolução dessa indústria considerando as modificações estruturais enfrentadas pela economia brasileira pós década de 90 e o seu papel no desenvolvimento regional.

Esse artigo encontra-se organizado em quatro partes. Na primeira parte, apresentam-se aspectos teóricos metodológicos, o conceito de indústria motriz e as ligações intra e intersectoriais do setor têxtil. Em seguida procura descrever e analisar a atividade têxtil no Brasil que teve papel marcante no processo de industrialização, constituindo-se importante fonte de geração de renda e emprego. Analisa-se ainda, nessa seção, os reflexos da abertura comercial na cadeia têxtil, com ênfase na reestruturação ocorrida no setor e mudanças organizacionais que alteraram o padrão de concorrência, produção e comercialização. A terceira parte detém-se na análise do processo de industrialização regional e, especificamente, da cadeia têxtil no Norte de Minas, caracterizada como uma das atividades que mais têm contribuído para promoção do desenvolvimento dessa região. Na quarta parte, é feito o detalhamento dos três segmentos principais, a saber: a produção da matéria-prima; a fiação, tecelagem e acabamento; e a confecções. Discutem-se alguns dados econômicos das indústrias têxteis estabelecidas na região Norte de Minas, com ênfase para aquelas sediadas nos Municípios de Montes Claros (Paculdino e Coteminas) e Pirapora (Cia. Cedronorte, Santo Antônio e Cachoeira Velonorte). Por último, são apresentadas algumas considerações finais. O estudo mostra que houve uma profunda reestruturação da forma de organização do trabalho e da produção, resultantes da abertura comercial, com criação e destruição de empresas e de postos de trabalho nas unidades sobreviventes. Todavia, as novas atividades apresentam traços distintos, requerendo trabalhadores mais qualificados e com habilidades específicas, segmentando o setor, a exemplo da experiência vivenciada por outras indústrias de capital intensivo.

1 - Aspectos teóricos metodológicos da pesquisa

O setor têxtil constitui importante segmento da economia brasileira se caracteriza por fortes ligações à montante e à jusante, com a atividade primária, a indústria de máquinas e equipamentos, a indústria química, a indústria de confecções, o comércio, o sistema financeiro, o setor externo, entre outros. A compreensão da

dinâmica do setor requer análise da interação entre os diversos elos da cadeia para trás e para frente. Nessa perspectiva, este ítem discute aspectos teóricos metodológicos, iniciando pela conceituação de cadeia produtiva para, em seguida, apresentar uma estrutura das ligações econômicas e financeiras desta no plano teórico. A moldura analítica apresentada oferece suporte para avaliar as várias ligações setoriais, a competitividade do setor de modo a detectar estrangulamentos em cada elo da cadeia produtiva e de responder à questão norteadora da pesquisa: em que medida a indústria têxtil, por meio de suas relações intra e intersetoriais, pode ser considerada *indústria chave* no sentido Perrouxiano, indutora do desenvolvimento regional?

1.1 - O conceito de indústria motriz de PERROUX

Para se compreender a importância da indústria têxtil, na Região Norte de Minas, por meio de suas ligações com outros setores, de modo a verificar em que medida ela contribuiu na indução do desenvolvimento regional, moldura teórica importante é o trabalho de PERROUX (1967) via seus conceitos de polarização, indústria motriz e entendimento de região.

Para o autor, as regiões devem ser tomadas como um fenômeno concreto, definidas por passado histórico ou por determinismos geográficos.

A teoria da polarização de PERROUX é uma teoria condicional do crescimento regional. Ela indica as condições sob as quais se pode produzir desenvolvimento regional acelerado, entendido, de modo genérico, como fortalecimento e ampliação das relações intersetoriais. De acordo com ele, o crescimento não surge em toda a parte ao mesmo tempo. Ele manifesta-se com intensidades variáveis, em *pontos ou pólos de crescimento*, e propaga-se segundo vias diferentes e com efeitos finais variáveis, no conjunto da economia. Segundo PERROUX, *Pólo de Crescimento* é “um conjunto de unidades motrizes que criam efeitos de encadeamento sobre outros conjuntos definidos no espaço econômico e geográfico”.

PERROUX entende que o crescimento se dá aos saltos, em momentos de ruptura. A *indústria motriz* é a expressão de um setor inovador, ligado diretamente à idéia schumpeteriana, capaz de induzir o conjunto, de gerar desdobramentos sobre os outros, ou melhor, gerar uma série de inovações que vão se refletindo na economia como um todo. Além de ser propulsora e difusora, deve ter capacidade de articulação com outras atividades e indústrias, dentre outros fatores.

O conceito de *indústria motriz* é apresentado pelo autor em três versões. A primeira destas destaca que certas empresas, antes que outras, conseguem obter taxas de crescimento aceleradas. Além disso, PERROUX ainda considera que isso possa se dar em um determinado período e que, atingido certo limite, a indústria entre em um período de menor efervescência, ou melhor, “sua taxa de crescimento de início acelerada durante uma seqüência de períodos, alcança um limite, passado o qual sofre um declínio relativo”. (PERROUX,1967, p.148). Com isso, percebe-se, claramente, como PERROUX estava envolvido pela Teoria de Schumpeter. Como um segundo conceito, *economias externas espaciais*, o autor dá ênfase às inter-relações que se dão entre as firmas e as indústrias, deixando claro como os conjuntos de firmas podem crescer no longo prazo. LEMOS (1988) destaca que, neste ponto, PERROUX reuniu a *noção schumpeteriana* de indústria-motriz à *noção marshalliana* (ou espacial), em que o conceito de economia externa é decisivo. Ainda encontramos um terceiro conceito, *indústria-motriz* e *indústria-movida*. A primeira trata-se da indústria capaz de ampliar os negócios de uma outra (a indústria- movida), ou melhor, “...uma indústria que tenha a propriedade de aumentar as vendas (e as compras de serviços) de outra, ou de várias outras indústrias, ao aumentar suas próprias vendas (e suas compras de serviços produtivos).” (PERROUX,1967 p.152)

Apesar dos conceitos apresentados serem distintos, eles não são excludentes. Porém, por outro lado, a falta de uma definição mais exata dificulta assimilar a junção destas, como fez PERROUX (1967, p.176): A economia nacional “apresenta-nos como uma combinação de conjuntos relativamente ativos (indústrias motrizes, pólos de indústrias e de atividades geograficamente concentradas) e de conjuntos relativamente passivos (indústrias movidas, regiões dependentes dos pólos geograficamente concentrados). Os primeiros induzem nos segundos fenômenos de crescimento.”

No caso em tela, a noção utilizada de indústria motriz será a que se aproxima mais da ênfase nas inter-relações entre atividades, firmas e setores. Isto é, da união da *noção schumpeteriana* de indústria-motriz à *noção marshalliana* de economia externa.

Deve-se entender que a indústria motriz é a expressão de um setor inovador; uma empresa que tem a capacidade de indução do conjunto. Essa indústria seria uma unidade propulsora, ou seja, capaz de impulsionar de diversas maneiras, através, por exemplo, de *Inovações Induzidas*, gerando, a partir de uma inovação, outras ações, ou, como já foi dito, como *Economias Externas* em que há interdependência entre as

empresas, ou, ainda, como *Efeito Multiplicador*, ou seja, inovações repercutem não só em sua cadeia para frente e para trás, mas em toda a economia.

O conceito de pontos ou pólos de crescimento também recebeu várias interpretações. Segundo PERROUX, Pólo de Crescimento é “um conjunto de unidades motrizes que criam efeitos de encadeamento sobre outros conjuntos definidos no espaço econômico e geográfico”... “uma unidade motriz num determinado meio”⁴

Para LEMOS (1988, p.427), “... o dinamismo de um pólo de crescimento decorre de suas propriedades urbanas, isto é, fornecedoras de vantagens diferenciais no espaço, reprodutíveis pela acumulação de capital, as quais podem prescindir da indústria-motriz schumpeteriana como fator de dinamização .”⁵

PERROUX voltou sua atenção também para a discussão sobre a relação dos Pólos e dos Estados. “Nem nos países velhos nem - e menos ainda - nos países subdesenvolvidos o crescimento e o desenvolvimento se repartem uniformemente: manifestam-se sim, em pontos determinados a partir dos quais se podem propagar efeitos de expansão ou efeitos de paralisação.”⁶ O foco então passa a ser a questão do *Pólo de Desenvolvimento* definido por PERROUX como “... uma unidade econômica motriz ou um conjunto formado por várias dessas unidades. Uma unidade simples ou complexa, uma empresa, uma indústria, um complexo de indústrias dizem-se motrizes quando exercem efeitos de expansão sobre outras unidades que com ela estão em relação”

É sabido que o dinamismo de um pólo de crescimento decorre de suas propriedades urbanas. Os Pólos podem ser interpretados como: (a) complexo industrial centrado em função da indústria-motriz (gera impacto na região complementar); (b) complexo de indústrias motrizes relacionadas (sem que exista indústria capaz de ter um impacto muito preciso); (c) aglomeração industrial com centro urbano dinâmico - urbano-industrial com articulações/impactos sobre a região complementar - (periferia); (d) centro urbano dinâmico como região de influência; (e) centro urbano dinâmico.

Portanto, existem várias abordagens possíveis da questão dos pólos. O estudo em tela está centrado na idéia das relações setoriais, dos vários *linkages* da indústria motriz – isto é, do campo de forças da indústria têxtil no restante da economia.

⁴ PERROUX, F. apud. PAELINK, J. (1977, p.163)

⁵ LEMOS., M. B. *Espaço e capital: um estudo sobre a dinâmica centro x periferia*. Campinas, 1988.(Tese de Doutorado, IE/Unicamp) p.427.

⁶ PERROUX, F. Op. Cit. p. 192

1.2 - Estrutura teórica das ligações intra e intersetoriais do setor têxtil

O processo de fabricação, em qualquer indústria, é composto por diversas etapas de produção. No caso da indústria têxtil, de modo geral, as principais fases referem-se à produção e ao beneficiamento da matéria-prima, à tecelagem, ao acabamento e à confecção.

O beneficiamento das fibras naturais é considerado a primeira atividade da cadeia agroindustrial têxtil. As fibras e/ou filamentos serão preparados para a etapa da fiação. As fibras são as principais matérias-primas no setor têxtil, quer sejam naturais⁷, artificiais ou sintéticas.

O segmento de fiação compreende: fiação de algodão, seda animal, lã, fibras duras (linho, rami, malva, coroá, juta, etc), fiação e tecelagem com fibras artificiais e sintéticas (raion, viscose, acetato, etc), fabricação de linhas e fios para coser e bordar e tinturaria de fios, os quais exigem um alto investimento, sendo composto por grandes e médias⁸ empresas.

Segundo FGV-IBRE (1999, p.12), na fiação, existem dificuldades de abastecimento nacional em fases de expansão da demanda, devido à ausência capacidade ociosa planejada. Esse segmento da cadeia têxtil é composto por empresas de médio e grande porte e é intensivo em capital.

Na tecelagem, os tecidos resultam de processos técnicos distintos, que são a tecelagem de tecidos planos, a malharia e a tecnologia de não tecidos.

Neste segmento, o tecido pesado é uma *commodite* e é produzido em grandes empresas, dado que o mercado destas *commodities* se compõe por uma linha de produtos com padronização bem definida e, exatamente por isso este segmento é altamente competitivo internacionalmente. Para obter competitividade demanda qualidade, preço e alta escala de produção, assim, este elo da cadeia têxtil fica cada vez mais intensivo em capital.

Na malharia, existe a possibilidade do surgimento de empresas de pequeno porte, por ser menos intensiva em capital do que o segmento da tecelagem de tecidos planos.

A fase de acabamento consiste em um conjunto de operações que possibilita dotar o produto de conforto, durabilidade e algumas propriedades específicas.

⁷ A disponibilidade de matéria-prima, principalmente o algodão, constitui a principal fonte de competitividade, garantindo posição vantajosa para o Brasil no mercado internacional. Embora exista problemas de heterogeneidade da qualidade do algodão ofertado, que remetem a problemas da agricultura brasileira.

Geralmente essa fase pode resultar na diferenciação do produto (novo produto). Esta fase da cadeia pode afetar significativamente a competitividade final no mercado, dependendo do nível de especificação atribuída ao produto - dotando-o de uma qualidade superior - e do grau de diferenciação utilizado.

Os tecidos de malha e os lisos precisam ser acabados para produzir tecidos adequados à confecção de vestuário e acessórios domésticos. Os estágios de acabamento incluem preparação do tecido, tingimento, estampagem e acabamento propriamente dito. Depois de o pano ser acabado, está pronto para ser cortado e costurado, transformando-se no produto final.

Finalmente, o segmento de confecção, *caracteriza-se por uma grande heterogeneidade dos ramos e elevado grau de atonicidade das firmas* (FGV, IBRE, p.12).

As principais etapas do segmento de confecção são: (a) a pré-montagem, (b) a montagem (costura) e (c) o acabamento⁹. A Pré-montagem¹⁰, por sua vez, é composta pelas sub-etapas criação, modelagem e corte. Na criação o estilista deve ter conhecimentos tanto das tendências da moda quanto das características da estratégia da empresa, para que os modelos desenvolvidos por ele facilitem a comercialização do produto pela empresa.

A segunda fase, a Montagem: *Consiste na união de dois ou mais elementos constituintes de uma roupa*. Essa etapa é intensiva em trabalho e bastante complexa¹¹.

A terceira etapa do processo, o Acabamento: consiste na limpeza das peças, representadas por tarefas como corte de linhas, corte de sobras de panos, dentre outras, inclui também a passadoria das roupas costuradas, deixando-as prontas para serem embaladas. Faz parte dessa etapa o empacotamento e o envio das encomendas. Esse segmento é composto por ramos como artigos de cama, mesa, banho, peças íntimas, indumentárias de todo tipo e acessórios.

Não se pode ignorar, na análise da cadeia têxtil, a indústria de máquinas e equipamentos. *A tecnologia básica dos processos produtivos está incorporada nos equipamentos*, como relatado no ECIB, este é um setor difusor de tecnologia e não

⁸ O porte está sendo definido pelo número de empregados.

⁹ GOULARTI FILHO & JENOVEVA NETO (1997 p. 81).

¹⁰ “As atividades nas fases que antecedem a costura passaram por transformações significativas com a introdução do sistema CAD (Computer aided design), do sistema CAM (Computer aided manufacturing) e de dispositivos de controle numérico”. GOULARTI FILHO & JENOVEVA NETO (1997, p. 83)

¹¹ (GOULARTI FILHO & JENOVEVA NETO 1997, p. 87)

gerador. Os grandes fornecedores mundiais de máquinas têxteis são a Alemanha, Japão, Suíça e Itália. No Brasil, constata-se uma diminuta indústria de equipamentos têxteis.

2 - Estruturas de mercado, origem do capital e alguns indicadores econômicos da performance do setor.

A indústria têxtil brasileira tem participação histórica e decisiva no processo de desenvolvimento industrial do país, porquanto foi um dos primeiros setores industriais a ser implantado, remontando aos tempos do Império. É comum que os primórdios da industrialização de um país se confundam com a instalação e o desenvolvimento da indústria têxtil-vestuário. (LUPATINI, 2004).

No Brasil, 91% das empresas do Setor Têxtil é constituído por capital nacional e apenas 9% são de estrangeiros. É formado por 21% de empresas de pequeno e médio porte, 11% de grande porte e as microempresas, que atingem 68% do total. VIEIRA (1995). O Setor da Confecção, em sua maioria, é composto por micro e pequenas empresas do chamado setor informal.

O setor exportou 2,2 bilhões de dólares em 2005. O investimento no período 1990-1999 girou em torno de 10,0 bilhões de dólares com previsão de 8,0 bilhões de dólares para serem investidos em toda a cadeia no período 2004-2010. (ABIT/2005).

Segundo a ABIT/2005, embora indefinido o número de trabalhadores diretamente agregados ao processo produtivo têxtil, estima-se que, aproximadamente, 1,65 milhão de empregos diretos, distribuídos nas 30 mil empresas no país, que produziram 6,4 bilhões de peças em 2005.

Quanto ao perfil do trabalhador da cadeia têxtil nacional, em 1994, 81% dos trabalhadores possuíam até a 8ª série e apropriava-se de 70% da renda do setor, apenas 16% desses possuíam o 2º grau completo absorvendo do montante 19% da renda (RAIS -MTE).

Entretanto, observa-se uma significativa redução no emprego em todos os grupamentos de indústria, principalmente o têxtil, historicamente grande absorvedor de mão-de-obra. Percebe-se que, em 2004, essa queda foi muito mais acentuada no pessoal empregado com menor grau de instrução - até 8ª série do ensino fundamental, 56,8% contra 81% em 1994, com estes respondendo em 2004 a 51% da renda total no setor. Por outro lado, houve aumento da oferta de emprego em todos os grupamentos para aquelas pessoas que possuíam maior escolaridade (Ensino médio). Nessa categoria,

estavam concentradas 38% da renda e 40% dos trabalhadores do setor em 2004, parcela bem superior à observada em 1994, de 19% e 16%, respectivamente. Em relação ao nível superior, permaneceu estacionário ao longo do período observado, em se tratando da renda e do emprego.

Em relação ao gênero, percebe-se uma expressiva superioridade da mulher, sendo responsável por 59% do emprego e 43% da renda no setor em 1994. Em 2004, verifica-se um aumento da participação feminina no emprego do setor, entretanto, a renda da mulher caiu, pois, em 2004 o setor empregava 61% das mulheres remunerando-as em 50,49% da renda do setor. Os homens perderam participação no emprego, embora absorvam renda superior à das mulheres, ou seja, possuem cargos com melhor remuneração em relação às mulheres.

Em termos de concentração industrial, a literatura econômica tende a associar maior concentração a maior eficiência econômica, entretanto, no caso da indústria de transformação, houve um aumento da produtividade industrial ao longo dos anos 1990, o que ocorreu também na indústria têxtil, embora o nível de concentração tenha crescido, após a estabilização da economia em 1994 (FEIJO et al., 2003).

Assim, percebe-se que, o maior ajuste se deu com o plano Real. Com a estabilidade econômica, assiste-se a uma onda de aquisições e fusões de peso na indústria de transformação, fato que converge para uma maior concentração industrial.

Considerando o grau de concentração baseado nas quatro maiores empresas¹² do país¹³, verifica-se que, entre 1985-1998, no setor têxtil, existe uma tendência de maior concentração nos segmentos de beneficiamento de fibras têxteis, fabricação de artefatos têxteis inclusive tecelagem e serviços de acabamentos em fios e tecidos. Entretanto, nos demais segmentos houve um processo de desconcentração industrial.

O maior dinamismo focaliza-se nos setores mais concentrados. Desta forma, no Brasil, a indústria têxtil-vestuário produziu, em 2001, 3.398 mil toneladas, 1.590 mil toneladas foram produzidas no segmento têxtil e 1.295 no de confecção. Os Estados Unidos lideram o *rank* da produção da malharia mundial. O Brasil é o segundo maior produtor mundial de tecidos de malha, é o sexto maior produtor de fios e filamentos, o sétimo em tecidos e quinto em confecção no ano de 2000, exportando, neste último ano, cerca de 1,2 bilhão de dólares, 0,34% das exportações da indústria têxtil-vestuário

¹² Quando se fala em quatro maiores empresas está sendo considerada a indústria de transformação e não somente empresas do setor têxtil.

¹³ Para uma discussão mais aprofundada, inclusive da metodologia utilizada para definir concentração, ver FEIJO, et. All, 2003, p.24 a 30.

mundial e importando 1,6 bilhão de dólares, 0,45% das importações mundiais.(LUPATINI 2004).

Em relação ao faturamento da indústria têxtil-vestuário brasileira, este totalizou, em 2001, 36,7 bilhões de dólares, com concentração de 1,2 bilhão de dólares no segmento de fibras, 14,1 bilhões no têxtil e 21,4 bilhões de dólares no de confecção (vestuário, meias e acessórios). O faturamento para o ano de 2004 e 2005 foi de 25 e 26 bilhões de dólares, respectivamente. (ABIT/2005).

Dos 26,5¹⁴ bilhões de dólares de faturamento, em 2005, 92% foram para o mercado interno e 8% para exportação. Tal dado mostra uma alta dependência do mercado interno, *tornando as empresas do segmento susceptíveis às variações de renda da população, bem como a fatores conjunturais como inflação e taxa de juros*. A atualização tecnológica do setor beneficia a maior participação no mercado externo. No entanto, a competitividade do produto brasileiro internacionalmente ainda é incipiente. As pesadas cargas tributárias, as oscilações cambiais e a carência de infra-estrutura são fatores que inibem a competitividade das empresas do setor em nível mundial.

Em relação ao emprego, a indústria têxtil e de confecções brasileira é a 2ª maior empregadora no setor formal da indústria de transformação, sendo superada apenas pela indústria alimentícia e de bebidas.

Embora o Brasil tenha passado por um processo de desconcentração¹⁵ industrial a partir da década de 1970, observa-se que houve uma diminuição da participação do Sudeste na atividade, mas ainda a região preserva sua hegemonia tanto no que se refere à quantidade de empresas, quanto ao número de empregos e renda gerados. Por sua vez, o Nordeste aumenta a sua participação. A literatura sobre o assunto mostra que houve uma migração das empresas do setor para o Nordeste, em função da política de desconcentração industrial que concedia benefícios fiscais para a instalação de empresas em regiões mais pobres, na tentativa de atenuar as desigualdades regionais.

2.1 Situação do complexo têxtil brasileiro pós-abertura comercial

O governo brasileiro, em 1988, inicia uma ampla liberalização nos campos comercial, de investimentos e de propriedade intelectual. (ERBER, 1991, p. 43).

¹⁴ Aumento de 5,80% em relação a 2004.

¹⁵ No período de 1985-1998, considerando o índice de concentração segundo FEIJO et al (2003), houve um movimento de concentração para o segmento de beneficiamento de fibras têxteis, embora esse

Neste cenário, a indústria têxtil brasileira tem sido fortemente afetada por fatores macroeconômicos como a estabilização da economia brasileira, o fortalecimento da moeda nacional e a redução das barreiras comerciais brasileiras.

Com a abertura comercial, as empresas nacionais se viram diante de um novo concorrente, o produto importado, principalmente oriundo dos países asiáticos. Esses países são bem agressivos em termos de comércio exterior, dado que os preços dos seus produtos eram inferiores à metade dos cobrados pela indústria nacional e em alguns casos com preços abaixo do custo de produção do fabricante nacional contribuindo sobremaneira para o processo de desestruturação do Complexo Têxtil brasileiro no período.

As empresas nacionais não estavam preparadas para enfrentarem a concorrência predatória que se estabeleceu no início da década de 1990, com a abertura comercial. Desta forma, houve uma substancial redução do número de empresas. No setor têxtil, a redução foi da ordem de 33%, sendo 63,6 no beneficiamento, 69,5%, 70,7% e 15,2% no segmento de fiação, tecelagem e malharia respectivamente, no período de 1990 a 2000. O segmento de confecção teve uma tendência diferente, enquanto os têxteis apresentaram redução, os confeccionados cresceram 22,3% no período (IEMI, 2001 In MONTEIRO FILHA & SANTOS, 2002).

Assim, as exportações brasileiras apresentaram um expressivo decréscimo nas exportações a partir de 1995. A queda das exportações, aliada ao aumento significativo nas importações, fez com que o setor ficasse deficitário; o déficit chegou a US\$ 1.016.866 em 1996. Desde 1992, o saldo da balança comercial vinha apresentando queda. (GORINI & SIQUEIRA, 1997, p.4).

A recuperação das empresas têxteis entre os anos de 1996 e 1997 é atribuída, dentre outros fatores, aos impactos da modernização em curso e à elevação de algumas tarifas de importação. A partir de 2000 o potencial exportador brasileiro mostra-se bastante expressivo.

3 - Cadeia Produtiva Têxtil no Norte de Minas

Esse item trata de historiar a contribuição das empresas têxteis para a economia regional por meio de suas *linkages* para trás e para frente, à luz do conceito indústria de

segmento seja considerado como pouco concentrado, ou seja, a participação das maiores empresas (29,2%) é menor do que 50%.

motriz de Perroux. Busca-se ainda discutir a competitividade do setor têxtil local nos vários elos da cadeia produtiva e elucidar os principais estrangulamentos e perspectivas do setor na geração de emprego e renda para os habitantes dessas localidades, após a abertura comercial. Chama-se a atenção para as mudanças estruturais ocorridas no setor como a passagem de uma indústria tradicionalmente intensiva em trabalho para uma indústria capital intensiva. Algumas funções foram destruídas enquanto houve a criação de novas funções. Esse processo de reestruturação tecnológica ocorreu com saldo líquido negativo para os postos de trabalho. As novas atividades criadas apresentam traços distintos, requerendo trabalhadores mais qualificados e com habilidades específicas.

3.1 A indústria têxtil do Norte de Minas

Desde do último quartel do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, o algodão constituía uma das principais culturas para o desenvolvimento do Norte de Minas, segundo RODRIGUES (2000 p. 105). O plantio do algodão foi estimulado pela demanda inglesa, quando da substituição da lã pelo algodão. Tal substituição, em um primeiro momento, implicou no aumento do preço do algodão, fato que estimulou o seu plantio nas regiões propícias à cotonicultura. No Brasil, conforme CARDOSO (2000, p.195), a cultura algodoeira concentrava-se nas áreas que iam do Nordeste até o Norte de Minas.

Como a região norte-mineira possuía uma área representativa para a produção de algodão, constituiu-se num local atrativo para a implantação da atividade têxtil que, por diversos motivos, inclusive os de ordem mercadológica e infra-estrutural, acabaram por se aglomerarem, especialmente nos municípios de Montes Claros e Pirapora.

Os municípios de Montes Claros e Pirapora gozam de incentivos governamentais, fato relevante na escolha da localização dos empreendimentos, principalmente, aqueles provenientes da SUDENE, grande atrativo ao empresariado têxtil. Os incentivos foram concedidos para todas as empresas que se instalassem na região, não sendo privilégio da indústria têxtil. No entanto, o setor têxtil se destaca regionalmente, sendo um dos ramos que tiveram maior número de unidades produtivas instaladas e que permanecem até os dias atuais (2006) na região. Acredita-se que, além dos incentivos, a fixação dos empreendimentos na região pode ser, em muitos aspectos,

atribuída a histórica vocação regional, bem como a mão-de-obra abundante e barata, energia elétrica barata e disponível.

A instalação das empresas têxteis na região, principalmente em Montes Claros e Pirapora, repercutia positivamente em seu entorno, visto que contribuíram para o crescimento de localidades como Porteirinha, Monte Azul, Mato Verde e Espinosa, municípios onde a produção de algodão tinha grande importância econômica.

A capacidade de absorção de mão-de-obra e geração de renda, dado o efeito multiplicador desta atividade, constituía-se em elementos centrais para o desenvolvimento da região. Além disto, o fato do Norte de Minas ser uma região propícia para a produção de algodão, contribuía significativamente para o desenvolvimento da atividade têxtil.

Conforme dados da RAIS/MTE, percebe-se que após abertura econômica o número de empresas, empregos e a renda do setor têxtil norte-mineiro cresceram significativamente. A taxa de crescimento do emprego foi da ordem de 211% pós-abertura, em relação à renda; a ampliação foi de 169%. O emprego apresentou uma variação percentual de 111% e a renda teve variação percentual de apenas 69%. Por sua vez, o número de estabelecimentos cresceu 240%, apresentando variação percentual de 140%.

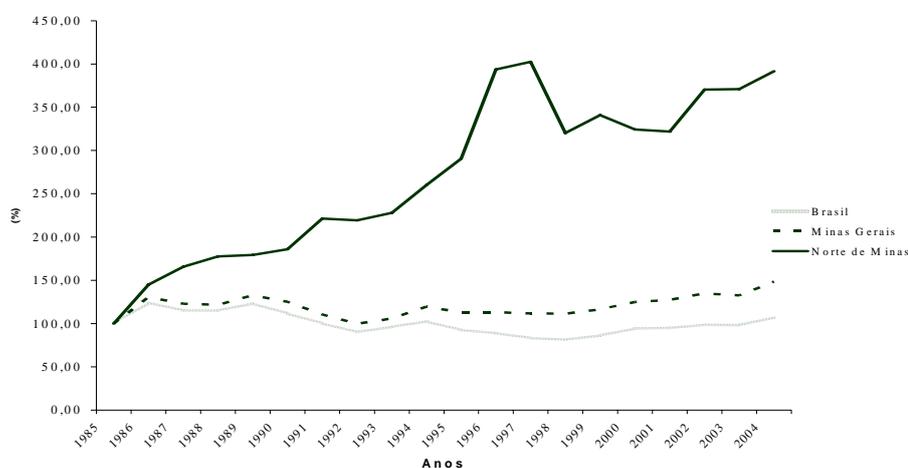
Tradicionalmente, a indústria têxtil, era classificada como intensiva em trabalho. No entanto, pós-abertura, o setor teve que se adequar às mudanças ocorridas no cenário internacional e se modernizar. Diante disso, vem apresentando comportamento diferenciado no que se refere à sua capacidade de absorção da mão-de-obra. A modernização permitiu uma maior produtividade das empresas do setor, de forma a ampliar a produção sem a mesma contrapartida no número de empregos gerados. Assim, assiste-se a transição de uma indústria tradicionalmente intensiva em trabalho para uma indústria capital intensiva. Algumas funções foram destruídas, como os contramestres, fiandeiros, trabalhadores de preparação para a tecelagem, e outras criadas, tais como técnicos de laboratório industrial, supervisores da indústria têxtil, operadores da fiação, operadores de tear, trabalhadores do acabamento, tingimento e estamparia, etc¹⁶. Ademais, muitas das funções foram terceirizadas¹⁷. Apesar da criação de novas funções, acredita-se que o saldo líquido tenha sido negativo, como

¹⁶ Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS/MTE, comparando as funções existentes em 1994 e 2004.

¹⁷ Em entrevista, o Sr Mitu Ishirara – Têxtil Paculdino, relatou que a fábrica produz o tecido cru, entretanto, parte da produção do tecido é comercializada já acabada, esse processo de acabamento no tecido é terceirizado. A terceirização é necessária para se reduzir custos, dados os elevados encargos trabalhistas.

ocorreu em nível nacional. As novas atividades apresentam traços distintos, requerendo trabalhadores mais qualificados e com habilidades em resolução de problemas específicos.

Os incentivos fiscais e financeiros concedidos pela SUDENE figura-se como um dos fatores que podem explicar o substancial crescimento do setor têxtil na região. Assim, percebe-se que o setor têxtil norte-mineiro cresceu e conferiu dinamismo e ganho de participação relativa do Norte de Minas no estado de Minas Gerais e no Brasil. O gráfico 01 mostra o considerável crescimento do setor regional em relação ao Brasil e Minas Gerais. O Brasil apresenta menor crescimento do número de empregos e o Norte de Minas cresce significativamente, em relação a MG e Brasil.



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS/MTE.

Gráfico 01: Evolução percentual do número de empregos no setor têxtil - Brasil, Minas Gerais e Norte de Minas 1985-2004 (1985=100%)

Enquanto em Minas Gerais o emprego esteve em um nível abaixo do que o observado em 1990 - recuperando-se somente no ano 2000 - no Norte de Minas, o crescimento no número de empregados foi substancial e contínuo, chegando a mais de 403% no ano de 1997, em plena vigência da sobrevalorização cambial. Em 2004 o emprego no Brasil cresceu 7,02%, Minas Gerais 48% e no Norte de Minas emprego cresceu 292%. (RAIS/MTE).

Os dados relativos ao setor têxtil no Norte de Minas revelam que este passou incólume pela crise dos anos de 1990, ao contrário do observado no setor têxtil em nível estadual e nacional bem como de demais setores do país.

4 - Análise dos segmentos da cadeia têxtil norte-mineira

A análise da cadeia têxtil por segmento foi possível por meio da desagregação dos dados da RAIS, de visitas, entrevistas e coleta de dados secundários sobre as empresas. Existem 18 municípios com atividade têxtil por segmento da cadeia no Norte de Minas Gerais, e em todos os 18 municípios com atividade têxtil, a confecção é presença marcante. Montes Claros e Pirapora despontam também nos segmentos industriais de fiação, tecelagem e acabamento.

Ao se analisar o período pós-estabilização da moeda, a partir de 1994, verifica-se que houve uma variação no número de empresas da ordem de 105,3%, o segmento de confecção foi o elo que mais cresceu no período, variação em torno de 149%, seguido da tecelagem, cujo número de empresas cresceu 100%.

Tabela 01 - Taxa de crescimento e variação percentual da indústria têxtil norte-mineira por segmento - período de 1994 e 2004

	Estabelecimentos		Emprego		Renda	
	Tx. Cresc.	Var. %	Tx. Cresc.	Var. %	Tx. Cresc.	Var. %
Beneficiamento	77,8	-22,2	39,6	-60,4	17,0	-83,0
Fiação	-	-	160,6	60,6	123,33	23,32
Tecelagem	200	100	150,9	50,9	140,2	40,2
Acabamento/Malharia	233,3	133,3	227,35	127,35	214,35	114,35
Confecção	248,8	148,8	104,2	4,2	77,8	-22,2
Total	205,3	105,3	150,5	50,5	135,5	35,5

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS/MTE.

Embora o número de empresas do setor tenha crescido, no segmento de beneficiamento houve redução, 22%. Essa redução está diretamente relacionada à queda da atividade algodoeira na região. O declínio da cotonicultura afeta o segmento de beneficiamento, que representava 100% do beneficiamento de fibras naturais.

Em relação ao emprego e a renda o crescimento foi relativamente baixo se comparado ao crescimento das empresas, 50,5% e 35,5% respectivamente. O segmento que puxou essa redução no emprego e na renda foi o beneficiamento, pois esse apresentou uma queda substancial, de 83% para a renda e 60,4% para o emprego.

A análise da ocupação por gênero mostra que a característica do setor têxtil de ser absorvedor de mão-de-obra feminina não se manteve. A mão-de-obra feminina cresceu bem menos - 27,9% - do que a masculina - 62,7% - conforme evidenciado na TAB. 02.

Tabela 02 - Variação percentual emprego na indústria têxtil norte-mineira por gênero 1994 -2004

	1994		2004		Var. Perc.	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Beneficiamento	94	7	36	4	(61,70)	(42,86)
Fiação	216	218	536	161	148,15	(26,15)
Tecelagem	2.049	668	3.361	740	64,03	10,78
Acab e malharia	318	117	473	516	48,74	341,03
Confecções	114	483	134	488	17,54	1,04
Total	2.791	1.493	4.540	1.909	62,67	27,86

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS/MTE.

Quando se analisa por elo da cadeia, é possível notar que apenas no acabamento a participação das mulheres se mantém, cresceu 341% no período.

Tabela 03 - Variação percentual renda na indústria têxtil norte-mineira por gênero 1994 -2004

	1994		2004		Var. Perc.	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Beneficiamento	276,43	12,03	45,10	4,03	(83,68)	(66,50)
Fiação	702,48	461,09	1.176,21	258,81	67,44	(43,87)
Tecelagem	5.695,69	1.177,12	8.259,62	1.378,44	45,02	17,10
Acab e malharia	730,82	158,84	1.051,50	855,53	43,88	438,61
Confecções	256,69	681,94	191,52	538,34	(25,39)	(21,06)
Total	7.662,11	2.491,02	10.723,95	3.035,15	39,96	21,84

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS/MTE.

Em relação à renda, verifica-se que os homens ganham mais do que as mulheres, em todos os segmentos, exceto na confecção. A renda do setor para o homem cresceu 40% e, para a mulher, apenas 21,8%.

4.1 - Primeiro segmento: a produção da matéria-prima – o algodão

Os municípios norte-mineiros, grandes produtores de algodão no início da década de 1980, basicamente abandonaram a atividade na região. A atividade de produção e beneficiamento do algodão, em municípios tradicionalmente produtores, simplesmente desapareceu.

Alguns destes municípios, como Espinosa, Monte Azul, dentre outros, ainda preservam uma modesta atuação nessa atividade. Embora o declínio na década de 1990 seja considerável, conforme pode ser observado na TAB. 04.

Tabela 04 – Principais municípios produtores de algodão no Norte de Minas (em ton)

	1990	1995	2000	2003
Catuti	0	0	2.250	1.150
Espinosa	19.962	6.521	2.200	400
Janaúba	3.294	408	8	20
Januária	1.498	16	0	0
Manga	11.229	122	90	73
Mato Verde	16.369	4.891	3.800	1.170
Monte Azul	19.962	7336	3.500	3.000
Porteirinha	19.952	10.597	2.700	1.250

Fonte: PAM – Produção Agrícola Municipal

Os municípios como Espinosa, Mato Verde, Monte Azul, Porteirinha, dentre outros, tinham sua economia centrada nessa atividade¹⁸. A cultura do algodão viveu seu apogeu na década de 1980, com 130 mil hectares plantados sendo a safra de 1981 –

¹⁸ Para entender melhor a questão do algodão foram realizadas três entrevistas em 2005, com especialistas sobre a cultura na região: Nívio Poubel Gonçalves - entrevista realizada na EPAMIG em Nova Porteirinha, Reinaldo Nunes de Oliveira - EMATER e José Otávio dos Santos professor e pesquisador do algodão da UFMG.

1982 a maior registrada, com produção de 8 milhões de arrobas¹⁹, gerando cerca de 24.818 empregos diretos. NUNES (2005 p.38).

Com o declínio da cotonicultura, a economia desses municípios perde o seu dinamismo²⁰, pois a população vivia basicamente da cultura algodoeira. A economia passa a ser movida basicamente pela renda dos funcionários públicos e aposentados²¹.

Quando se analisa o elo a montante da cadeia, nota-se que o reflexo do declínio da cultura foi ainda mais perverso em relação à queda do emprego, pois, no Norte de Minas existiam 23 usinas de beneficiamento do algodão; com o declínio da cultura, a maioria das usinas fechou, impactando negativamente no emprego da região. Segundo José Otávio cerca de 23 mil pessoas perderam seu emprego. Somando-se à cultura do algodão propriamente dita, evidencia-se uma perda de 48 mil empregos, o que significa um grande problema, pois, em uma região praticamente agrícola, a cotonicultura constituía a base de sustentação econômica desses municípios, inexistindo alternativa agrícola viável que substitua o algodão nessa região.

Das usinas de beneficiamento existentes na região, apenas duas permaneceram. Uma delas, a USIMOC, localizada em Montes Claros, tem capacidade de produção de 200.000 Kg / mês, embora a quantidade utilizada gire em torno de 100.000 Kg/mês. A usina não atinge a capacidade instalada para beneficiamento do algodão porque a região não dispõe de algodão suficiente para suprir a demanda da usina. Em abril de 2006, foram beneficiados 162.000 Kg de algodão em caroço, que depois de processados, correspondem a 64.800 Kg de algodão em pluma.

Em relação a USIMOC, atualmente, todo o algodão beneficiado pela usina é plantado pela própria empresa em terras arrendadas nos municípios de Engenheiro Navarro, Bocaiúva e Janaúba. Até 2005, a empresa ainda adquiria o algodão dos produtores de Porteirinha, Mato Verde, Bocaiúva, Capitão Enéas, Janaúba e Montalvânia. Como ocorreu na década de 1980, os produtores de algodão, por serem pequenos e não capitalizados, necessitavam de financiamento dos usineiros. Ainda hoje essa prática procede, pois o sistema utilizado pela USIMOC para compra do algodão dos produtores era o seguinte: a usina concedia aos produtores, assistência técnica e defensivos agrícolas, durante a fase de plantação do algodão e em fases anteriores à

¹⁹ Informação fornecida pelo Sr. José Otávio dos Santos.

²⁰ Segundo José Otávio “Mato Verde, no auge do algodão, tinha um movimento grande (...) existiam 10 casas comerciais, hoje, nada”. Conforme Reinaldo Nunes, esse município tinha maior número de tratores agrícolas.

²¹ Segundo o Sr. José Otávio dos Santos, em entrevista realizada no início de 2005.

colheita. O algodão colhido era entregue a USIMOC, e a diferença entre o valor do algodão e os serviços prestados pela empresa era repassada aos produtores. Como para a empresa tal sistema não era mais benéfico, optou-se por abortá-lo e ela própria produzir o algodão necessário ao beneficiamento da usina.

O algodão beneficiado pela empresa é vendido integralmente para o mercado mineiro, sendo 75% para o Norte de Minas e 25% para o mercado extra-regional. No âmbito regional, 70% do algodão em pluma são vendidos para a Fiação de Tecidos Santo Antônio em Pirapora, e 5% são adquiridos pela Cia de Fiação e Tecelagem Santa Helena, em Montes Claros. No mercado extra-regional, a Tear Têxtil, em Contagem, adquire 15% do algodão da usina e a Companhia Horizonte Têxtil, também em Contagem, adquire 10%²².

Apesar de todos esses problemas, os três entrevistados foram unânimes em relação às vantagens competitivas que a região norte-mineira apresenta para a produção do algodão, devido ao clima ser propício à cotonicultura:

- O custo de produção é mais baixo do que no Mato Grosso²³; em função do clima seco a planta não apresenta muitas doenças, embora a produtividade seja menor;
- O produto chega ao mercado dois meses antes, porque, devido a fatores climáticos favoráveis, o Norte de Minas tem condições de produzir o algodão com 120 dias, enquanto o ciclo de produção no Mato Grosso varia entre 180 e 195 dias. Desta forma, o algodão da região poderia ser vendido a preço melhor.

Assim, existem os fatores motivadores à revitalização da cotonicultura na região e também no Estado de Minas Gerais, por possuir o terceiro parque têxtil industrial do Brasil, com alto nível de consumo de algodão - 150 mil toneladas de algodão em pluma por ano e posição geográfica privilegiada para o mercado interno e externo.

Entretanto, o retorno da cotonicultura, necessita de pessoal, recursos financeiros etc, o que os órgãos competentes não possuem para suprir a necessidade da região.

Além disso, no auge da produção de algodão no Norte de Minas, praticamente toda a produção era destinada ao mercado extra-regional, como Nordeste. Se naquela época o algodão não atendia às exigências das indústrias instaladas na região, a grande questão que se coloca em relação à viabilidade do retorno da cultura: é possível produzir o algodão de fibra compatível com a necessidade da indústria têxtil nos moldes tecnológicos em que essa se encontra.

²² Informações fornecidas pelo Sr. Ronie Wagner Bertoldo Nascimento- USIMOC – Montes Claros.

²³ Muita produtividade, mas alto custo de produção, em média R\$ 4.000, 00 o custo de produção de 1 hectare. (Nivio Poubel Gonçalves).

4.2 - Segundo segmento da cadeia: fiação, tecelagem e acabamento

Como o setor têxtil norte-mineiro encontra-se integrado verticalmente nessas atividades, optou-se por fazer uma análise conjunta, para que essa não se torne repetitiva e exaustiva.

A região norte-mineira constitui-se em um importante centro têxtil, principalmente no ramo de fiação, tecelagem e acabamento, sendo sede da empresa que ocupa o segundo lugar no *rank* de produtos têxteis do país, a COTEMINAS. (Revista Conjuntura Econômica, Agosto de 2002). Este segmento está concentrado nas cidades de Montes Claros e Pirapora.

A análise das variáveis, emprego e renda, revela que, em relação ao setor têxtil norte-mineiro, a grande contribuição na geração de emprego e renda está espacialmente concentrada em Montes Claros e Pirapora, onde se localizam as unidades de médio e grande porte. Percebe-se que, Montes Claros representa 83,1% do emprego e 71% da renda nesses segmentos. Pirapora, responde por 34,4% e 28,8% do emprego e da renda respectivamente gerados nesses segmentos em 2004.

Esse destaque de Montes Claros no setor têxtil se justifica porque, na cidade, existem seis unidades de médio e grande porte nesses segmentos, somente o Grupo COTEMINAS, empresa de renome nacional, controla cinco das seis unidades instaladas na cidade.

O grupo COTEMINAS, fundado em 1967, é uma empresa operacional com seis filiais, e também uma empresa *holding* de uma controlada operacional, a Toália e duas controladas não operacionais: a Wentex International e a COTEMINAS International.

Indústria líder do setor têxtil no Brasil produz e comercializa fios, tecidos acabados e não acabados, confeccionados para cama, mesa e banho, produtos em malha para vestuário como camisetas, meias e cuecas.

Em 2005, a COTEMINAS operava com 14 fábricas – Três em São Gonçalo do Amarante - Natal – RN, duas em Campina Grande – PB, uma em João Pessoa - PB, cinco em Montes Claros, uma em Acreúna - GO, uma em Blumenau – SC e uma na cidade de La Banda, província de Santiago Del Estero.

A matéria-prima – algodão é adquirida em Goiás, Mato Grosso, Bahia e Unai, no Noroeste de Minas Gerais, e o poliéster, em Cabo /PE e Poços de Caldas Minas Gerais.

A capacidade instalada do grupo cresceu 31% em cinco anos, nos últimos anos, a companhia produziu a totalidade de sua capacidade instalada, enquanto a produção da COTEMINAS e coligadas cresceu no período 315%. O crescimento constante da produção da empresa é reflexo dos investimentos em aumento do parque fabril.

A companhia produz em larga escala e a baixos custos, desta forma, possui vantagens para competir no mercado internacional.

Com exceção da fábrica da TOALIA, em Blumenau/SC e a unidade de Acreúna em GO, todas as fábricas da Companhia estão localizadas na região da SUDENE, atual ADENE, o que permite a elas beneficiarem-se dos incentivos fiscais que são oferecidos como estímulo à realização de investimentos na região. Os incentivos fiscais da companhia estão programados para expirar em diferentes datas, dependendo da instalação da unidade em questão, de dezembro de 2005 a dezembro de 2011.

Entre 1997 e 2000, a Companhia investiu, aproximadamente, R\$ 516 milhões em equipamentos e instalações industriais de última geração, e 727,2 milhões entre 2000 e 2004.

O grupo COTEMINAS, em 2000, gerou, segundo suas estimativas, em torno de 50 mil empregos diretos e indiretos²⁴. Em 2005, gerou cerca de 20 mil empregos diretos. Somente Montes Claros é responsável por, aproximadamente, 3.500 empregos.

O projeto de ampliação continua com a implantação de uma nova unidade em Montes Claros (protocolo de intenções), que deverá gerar em torno de 500 empregos, com previsão de implantação até julho de 2007.

Como parte de sua política de valorização dos recursos humanos, oferece escola, transporte, assistência médica e odontológica, a seus funcionários e familiares.

A Têxtil Paculdino instalada em Montes Claros, atua no ramo de indústria têxtil, atividades afins e exploração e importação de produtos ligados à sua finalidade. Com capital 100% nacional, utiliza em torno de 160 mil Kg de algodão adquiridos do Triângulo Mineiro (60%) e o restante do Mato Grosso, Bahia, Goiás e São Paulo. Se a cultura do algodão fosse retomada e se o produto regional tivesse qualidade, este teria boa aceitação pela empresa.

A capacidade instalada da empresa é de 220.000 kg/mês de fios, operando com 33 filatórios e 440.000 m/mês de tecidos, em seus 36 teares com batidas/metro de 2.362. A empresa utiliza, em média, 82% da capacidade instalada na fiação e 86% na tecelagem. Essa é uma boa estratégia para suprir eventuais aumentos de demanda sem

alterações de custos. Em 2005, registrou-se uma produção de 160 toneladas de fios e 500 mil metros de tecidos.

Além da modernização da gestão com implantação do sistema de qualidade total, a tecelagem foi o setor da empresa que apresentou maior modernização na década de 1990.

Outra empresa têxtil instalada em Montes Claros é a Têxtil Paculdino que emprega 312 funcionários, produzindo para abastecimento do mercado interno (100%). A produção da empresa é destinada a São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Goiás e Nordeste, escoando a produção via transporte rodoviário.

O faturamento da empresa até o mês de abril de 2006, ficou em torno de 4 milhões de reais. Do faturamento, 7% destina-se a pagamento de PIS e CONFINS, e 12% ao ICMS. Do total da folha de pagamento da empresa, 27,8% destina-se a pagamento da seguridade social, e 8% pagamento do FGTS. O percentual destinado à seguridade social é bastante alto para a empresa pagar, dificultando a ampliação do emprego, pois além desses encargos, somam-se os trabalhistas que, em média, giram em torno de 50% do total da folha.

Segundo seus diretores, o principal problema enfrentado pela empresa é a concorrência com os produtos chineses. Além disso, as péssimas condições das rodovias aumentam os custos, pois, dado o maior tempo para entrega do produto e recebimento da matéria-prima.

A empresa terceiriza parte da produção do tecido, se especializando na fiação e tecelagem, que constitui o foco principal do seu negócio, e terceirizando o acabamento. O fio e o tecido cru correspondem a 40% das vendas e o tecido acabado responde por 60% das vendas da empresa. A terceirização constituiu estratégia importante para a melhoria da competitividade, abertura de novos mercados e agregação de valor ao produto.

Na década de 1990, a empresa estava centrada na valorização da tecnologia, como forma de sobrevivência. Nos anos 2000, a teoria do capital humano está sendo absorvida pela empresa, a tendência é a valorização dos recursos humanos, para obter trabalhadores comprometidos com o objetivo da empresa. A empresa tem consciência da necessidade da valorização dos seus trabalhadores, como forma de obter um diferencial competitivo.

²⁴ Informações obtidas em visita à empresa Cotenor em 2005.

As unidades têxteis situadas em Pirapora são unidades de médio e grande porte, possui empresas centenárias, em funcionamento desde 1872, caso da Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, com sede em Belo Horizonte. É a mais antiga companhia de capital aberto privado do país, sendo a terceira maior indústria nacional em seu segmento.

Seus principais produtos são denims, brins e telas, que compõem o seu *mix* da linha moda e da linha profissional (tecidos para uniformes).

O parque têxtil da Cedro produz mais de 150 milhões de metros quadrados de tecidos por ano, atende ao mercado nacional e está presente nos principais mercados das Américas e da Europa.

A companhia Cedro Cachoeira investiu 46 milhões de reais na construção da Fábrica de Índigo - a Companhia de Fiação e Tecidos Santo Antônio - que terá capacidade de elevar a produção dos atuais 18 milhões de metros de tecidos por ano para 29 milhões. Com o objetivo de aumentar o faturamento anual consolidado da Cedro para R\$ 600 milhões a empresa investiu R\$ 48,5 milhões em suas unidades em Pirapora.

Em 2005, foram investidos R\$ 56,1 milhões em equipamentos e *softwares*, com o objetivo de aumentar a flexibilidade da produção, melhoria da qualidade e da produtividade. Nos últimos cinco anos, foram investidos R\$ 159,9 milhões.

A companhia faturou R\$ 435,0 milhões, em 2005, com um lucro líquido de R\$ 26,9 milhões e rentabilidade de 13,6% sobre o patrimônio líquido.

O faturamento das unidades em Pirapora, Cedronorte e Santo Antônio, em 2005, foi de R\$ 549.808 mil. Elas produzem cerca de 95 mil metros de tecido acabado por ano.

Em relação à gestão, a elaboração do planejamento estratégico, até 2010, constituiu passo importante para o direcionamento estratégico da Cedro. O planejamento estratégico tem como foco a identidade organizacional, os cenários e as oportunidades, os objetivos e as estratégias que a empresa deve traçar. Ainda em relação à gestão, podem-se notar outros avanços, como a certificação ISO 14001 do sistema de gestão ambiental das controladas Cia. de Fiação e Tecidos Santo Antônio e Cia de Fiação e Tecidos Cedronorte. O programa de participação nos lucros e resultados reafirma os princípios de participação e o espírito de equipe valorizados na Cedro. O lançamento de novos produtos, a flexibilização da produção, os significativos avanços

na gestão de custos, a qualidade e a logística, demonstram o amadurecimento de investimentos e a busca permanente pela inovação.

A Cia centenária Têxtil Cachoeira de Macacos, passa a controlar a Velonorte S/A de Pirapora em 1986, no Norte de Minas, dando-lhe a denominação de Cachoeira Velonorte S/A. A Companhia Cachoeira Velonorte é outra empresa instalada em Pirapora, produtora de tecidos, malhas e fios de algodão (FGV & IBRE, 1999).

Em 1994, a Velonorte, devido à transferência de controle, reestrutura sua forma de gestão, redefine o foco de seu negócio, passando a atuar com o vestuário básico, e suas unidades fabris a se especializarem em fiação, tecelagem ou acabamento. O tecido foi resultado da redefinição de negócio que marcou esta década na empresa. Desta forma, em 1996, cria-se a Veloflex, que é um produto para vestuário básico, flexível e versátil, que se destina a atender às necessidades de lazer e conforto.

Em 2001, a Velonorte, modernizada, apresenta controle total do processo de fabricação de tecidos. Sua logística de distribuição oferece atendimento rápido e descomplicado, pronto a suprir quaisquer necessidades dos clientes.

Em Pirapora, também se localiza a têxtil Pirapora.

As demais empresas do setor estão localizadas nos demais municípios e são unidades mais atomizadas. Essas empresas se dedicam aos elos a montante (algodão e beneficiamento) e a jusante (confeções) da cadeia têxtil.

4.3 - Terceiro segmento da cadeia: confeções

Em relação à confecção, essa segue a tendência nacional, são empresas atomizadas, presentes nos 18 municípios com atividade têxtil na região Norte de Minas. São constituídas por pequenas empresas do setor formal, que empregam, em média, 5,8 pessoas. O segmento, responde por cerca de 9% do emprego e 5% da renda do setor. Montes Claros se desponta no Norte de Minas como um *pool* de empresas de confecção na região. Das 107 empresas existente nesse segmento em 2004, 58% estavam instaladas em Montes Claros, participando com 67% do pessoal ocupado e 70% da renda. O município puxa a média de empregos no segmento para cima, pois, em média, o município emprega 6,7 pessoas na confecção, enquanto os demais conjuntamente empregam 4,6 trabalhadores, em média²⁵.

Ressalta-se que, apesar de existirem na região todos os elos da cadeia, não existe integração entre as empresas. O Norte de Minas é um importante produtor de fios e

²⁵ Dados elaborados a partir da RAIS / MTE.

tecidos, existem grandes empresas produtoras de matéria-prima, entretanto, segundo SOARES (2003), as confecções locais utilizam uma baixa quantidade da matéria-prima da região, contradizendo a teoria clássica da localização, que atribui como um dos fatores determinantes da escolha locacional de um empreendimento a disponibilidade de matéria-prima.

Percebe-se que este fator não é levado em consideração pelas empresas de confecções locais. (...), 51,6% das empresas compram os tecidos em outros estados da federação e 35,5% em outras cidades do estado. (...) não há interação entre as empresas de tecelagem da região e as empresas de confecções locais.(...) Sobre a principal dificuldade de adquirir os produtos das empresas de tecelagem da região, 22,6% responderam ser a escala o principal motivo e 19,4% o preço. (SOARES, 2003)

Os tecidos produzidos pela Santanense, COTEMINAS e Cedro-Cachoeira poderiam ser utilizados para suprir essas necessidades das empresas de confecções, no entanto, isso não acontece. O segmento de fiação e tecelagem da região exporta praticamente todo o seu produto final para fora da região. As confecções de Montes Claros utilizam como matérias-prima os tecidos de malha, o índigo e o brim, esses últimos são produzidos pelas empresas de tecelagem da região, no entanto, não são utilizados pela confecção local.

Conclusão

O presente trabalho teve por objetivo analisar a cadeia produtiva têxtil da região norte-mineira, avaliando o processo de evolução dessa indústria considerando as modificações estruturais enfrentadas pela economia brasileira pós década de 90 e o seu papel no desenvolvimento regional

Com a abertura comercial, ocorrida no início dos anos 1990, as empresas nacionais passaram a concorrer com o produto importado dos países asiáticos, países bem mais agressivos do que o Brasil em termos de comércio exterior, pois trabalham com preços inferiores à metade dos cobrados pela indústria nacional, em alguns casos, abaixo do custo de produção do fabricante nacional, contribuindo sobremaneira para o processo de desestruturação do Complexo Têxtil Brasileiro no período.

Algumas empresas intensificaram o processo de modernização pós-abertura. As pequenas e médias unidades de produção, com a abertura comercial, também se viram forçadas a iniciarem o processo de modernização, mas, como eram frágeis financeiramente, não conseguiram, em muitos casos, manterem-se no mercado.

Após a maior abertura econômica, as empresas da região Norte de Minas já haviam iniciado um processo de modernização e apresentaram comportamento distinto do setor em nível nacional, evidenciado pelo extraordinário crescimento do número de empresas, empregos e renda. Todavia, deve-se destacar que a modernização permitiu uma maior produtividade das empresas do setor, de forma a ampliar a produção sem a mesma contrapartida no número de empregos gerados, em função da transição de uma indústria tradicionalmente intensiva em trabalho para uma indústria capital intensiva. As novas funções existentes no setor apresentam traços distintos, requerendo trabalhadores mais qualificados e com habilidades em resolução de problemas específicos.

Esse setor se sobressai como uma das poucas atividades que têm se sustentado, ao longo do tempo, na economia regional, haja vista o processo competitivo enfrentado pela maior parte das atividades produtivas em toda a economia nacional nas últimas décadas.

Vale destacar que a manutenção de subsídios, por parte dos principais órgãos de fomento desta atividade na região, constituiu-se como um dos diferenciais para a sua efetivação, mesmo após a passagem por essa onda de liberalização de mercados.

O setor têxtil norte-mineiro está espacialmente concentrado nos municípios de Montes Claros e Pirapora, gerando emprego e renda. Cabe destacar que Montes Claros, em todos os elos da cadeia, é o município que está mais presente na atividade têxtil norte-mineira.

Em relação a cadeia produtiva têxtil, percebe-se que a primeira etapa do processo têxtil é incipiente na região, dado que a cultura do algodão praticamente desapareceu na última década. A redução da cotonicultura afetou o elo seguinte da cadeia, o beneficiamento, que sofreu uma redução drástica em sua operação.

A fiação, a tecelagem e o acabamento não foram afetados pela redução da cotonicultura, uma vez que não dependiam da matéria-prima regional, pois importou a maior parte dos insumos utilizados. Nesse elo, estão grandes empresas, como a COTEMNAS, a Cedro e Cachoeira, etc., que operam com equipamentos modernos e estão sempre investindo na ampliação da capacidade produtiva, dedicam-se à produção em alta escala e utilizam toda a sua capacidade instalada. Esse segmento produz para o mercado nacional e para exportação.

Também, nesse segmento, encontram-se empresas de médio porte, como por exemplo, a Têxtil Paculdino, que, pós-intensificação da abertura comercial e financeira, amplia suas instalações e verticaliza sua planta produtiva, especializando-se na

produção de artigos de maior valor adicionado, produzindo para suprir o mercado interno, embora extra regional.

No cenário atual, o aumento da concorrência faz com que a competitividade das empresas que historicamente, estava atrelada aos mercados imediatos de venda de mercadorias/serviços e aquisição de insumos, passe a depender, cada vez mais, de relações técnicas e de mercados acima e abaixo da cadeia em que a empresa está inserida. Assim, a competitividade do setor passa a depender da eficiência verificada em cada um dos elos da cadeia produtiva e a qualidade final dos produtos relaciona-se à qualidade obtida em cada etapa produtiva.

Assim, as estratégias adotadas pelas empresas da cadeia têxtil sinalizam para o abandono de grandes mercados massificados de produtos padronizados, em favor de produtos que incorporem os conceitos de moda e estilo, passando a concorrer não só via preços, mas também por meio da diferenciação do produto, centrada, basicamente, no *design* e na qualidade dos produtos e das matérias primas. Essa nova forma concorrencial impôs às empresas maior flexibilização da produção, como forma de responder rapidamente às oscilações de demanda. Entretanto, sendo o setor bastante heterogêneo em sua composição, as microempresas estão concentradas, basicamente, no setor de confecções. A flexibilidade do setor é facilitada por essa composição setorial.

Percebe-se que os investimentos no setor têm se ampliado, pós-abertura comercial, em função da reestruturação produtiva e organizacional imposta pela concorrência dos países altamente avançados tecnologicamente.

Essa reestruturação tem provocado, também, mudanças no perfil dos trabalhadores do setor, uma vez que as empresas passaram a demandar trabalhadores com maior nível educacional, embora a renda não tenha melhorado em contrapartida à qualificação da mão-de-obra empregada. O setor continua a ser grande absorvedor de mão-de-obra feminina. Ademais, é o segundo maior empregador, no setor formal, da indústria de transformação.

As confecções no Norte de Minas encontram-se bastante pulverizadas, são constituídas por pequenas empresas que, embora estejam espalhadas espacialmente, sendo o segmento mais presente nos municípios da região, apresentam pequena participação no emprego e na renda regional, estando concentradas, em maior número, no município de Montes Claros.

Dentre os principais estrangulamentos observados no desenvolvimento da atividade têxtil na região pode-se destacar: i) a maior competitividade das empresas

depende da integração da cadeia, entretanto, na região Norte de Minas, percebe-se que existe pouca integração entre as empresas, apesar da região contar com todos os elos da cadeia têxtil; ii) a concorrência com os produtos chineses, pois esses possuem uma alta produtividade e vendem os seus produtos dentro do país a preços menores do que o custo de produção doméstico; iii) a dificuldade do transporte rodoviário devido às péssimas condições das rodovias que aumentam os custos, dado o maior tempo gasto para entrega do produto final e recebimento da matéria-prima, o que agrava ainda mais a fragilidade competitiva do setor, em relação aos produtos importados.

Além desses fatores, a indústria têxtil brasileira tem sido fortemente afetada por fatores macroeconômicos como: a estabilização da economia brasileira; a valorização excessiva do real, que contribuiu para o aumento das importações e prejudicou as exportações; e a redução das barreiras comerciais brasileiras, com o fim do Acordo de Têxteis e Vestuário (ATV), que, aliado à queda do preço do algodão e à grande oferta mundial de têxteis refletiu negativamente na competitividade da cadeia têxtil nacional. Corroborando ainda mais para agravar a situação do setor, a alta taxa de juros inibiu o consumo interno, o que teve impacto no faturamento do setor, embora o estudo realizado evidencie que esses reflexos não foram tão fortes para o setor têxtil nortemineiro o qual conseguiu sobreviver e, sobretudo, se fortalecer, após a crise da década de 1990.

Diante do exposto, para o fortalecimento da cadeia têxtil frente à concorrência externa recomenda-se a adoção de políticas setoriais de forma a: (i) desonerar a cadeia produtiva têxtil, principalmente os produtos básicos. Dado que os impostos e encargos trabalhistas constituem grande entrave à competitividade do setor; (ii) incentivar a qualificação da mão-de-obra, de forma a dar condições para que a mesma possa se adequar às novas demandas do mercado de trabalho.

Para o Norte de Minas, a integração da cadeia têxtil se faz necessário, principalmente o elo a montante e a jusante, ou seja, estimular a aquisição da matéria-prima regional e fortalecer as confecções.

Referências Bibliográficas

AMADO, Adriana M. *Política regional no Brasil*. Departamento de Economia – NECEMA. UNB/Brasília. Janeiro de 2000.

ANTUNES FILHO, DJALMA. *Fatores Explicativos do Declínio da Cotonicultura em Porteirinha-MG nos anos 90*. Montes Claros, 2000. (Monografia).

AZZONI, Carlos R; FERREIRA, Dirceu Alves. *Competitividade Regional e Reconcentração Industrial: o futuro das desigualdades regionais no Brasil*. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 28, número especial, p.55-85, Julho de 1997.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Relação anual de informações sociais*. Dados em CD-Rom. MTE – DATAMEC – Brasília. Bases de 1985 a 1999.

CARDOSO, J. M. Alves. A região Norte de Minas Gerais: um estudo da dinâmica de suas transformações espaciais. In Marcos Fábio Martins de Oliveira e Luciene Rodrigues (Org). *Formação Social e Econômica do Norte de Minas*. Montes Claros, Ed. UNIMONTES, 2000. P173-346.

COUTINHO, Luciano. e FERRAZ, J. C. *Competitividade da Indústria Têxtil. Nota técnica setorial do complexo têxtil* Campinas, 1993.

DUARTE FILHO, Francisco C. *Incentivos fiscais na industrialização de Minas Gerais: Lei 5.261/69*. Belo Horizonte, 1979 (dissertação mestrado em economia)

ERBER, Fábio Stefano. *Ajuste estrutural e estratégias empresariais*: Rio de Janeiro, IPEA, 1993.

FEIJO ET ALL 2003. *Concentração Industrial Economia*. Revista Economia v. 4 nº 1 jan a junho 2003.

FERREIRA, M.F.S. e LEMOS, M.B. *Localização industrial e fatos estilizados da nova reconfiguração espacial do Nordeste*. Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v. 31, n. especial p.484-507, nov/2000.

Fundação Getúlio Vargas. IBRE–Inst. Brasileiro de Economia Centro de Estudos Agrícolas. *Análise da Eficiência Econômica e da Competitividade da Cadeia Têxtil Brasileira*. (1ª e 2ª parte) Out/ 1999.

GORINI, A. P. Fontenelle. *Panorama do setor têxtil no Brasil e Mundo: reestruturação e perspectivas*. RJ, BNDS setorial, n. 12. Setembro 2000.

GORINI, A.P.F.,SIQUEIRA, S.H.G. de. *Complexo Têxtil Brasileiro*, Rio de Janeiro, BNDES, 1997.

GOULARTI FILHO, Alcides & JENOVEVA NETO, Roseli. *A indústria do vestuário: economia, estética e tecnologia*. Livraria e editora Obra Jurídica, Florianópolis, 1997.

HAGUENAUER, Lia. *Identificação de cadeias produtivas e oportunidades de investimento no Nordeste*. Lia Haguenuer, Victor Prochinik. Fortaleza, Banco do Nordeste, 2000.

HIRSCHMAN, A. O. *Transmissão inter - regional e internacional do crescimento econômico*. In: SCHWARTZMAN, J. Economia Regional: textos escolhidos, Belo Horizonte, Cedeplar, 1977. P.35-52.

Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais - INDI. *Panorama da indústria têxtil de Minas Gerais 1997-2000*. INDI/PR/ET/003/EP/ - 07/2001.

- LEMOS, M. B. *Espaço e capital: um estudo sobre a dinâmica centro x periferia*. Campinas, 1988.
(Tese de Doutorado, IE/Unicamp).
- LOBATO, Pedro. *Incentivos fiscais chegam à maturidade: nem renúncia nem isenção; os projetos são atraídos com financiamento ao ICMS*. *Gazeta Mercantil*. Balanço Anual. Out/2000, ano VII-n.7. Publ. Anual. P. 22-24.
- LUPATINI, Márcio. *Têxtil e vestuário: relatório setorial preliminar*. FINEP, 2004.
- MAIA, M.F.Rocha – *A importância do processo de automação industrial à base da microeletrônica para o desenvolvimento das indústrias têxteis de fiação e tecelagem em Montes Claros*. Montes Claros, 1991-(Monografia de graduação).
- MAIA, M.F.Rocha – *A importância da indústria Têxtil no desenvolvimento do município de Montes Claros*. Cedeplar – UFMG - Belo Horizonte, 2001-(Dissertação de Mestrado).
- NUNES, Rodrigo, M. *O estudo do segmento do algodão no Norte de Minas Gerais na década de 1990*. Departamento de Economia da UNIMONTES. 2005.(monografia).
- OLIVEIRA, Fabricio A, e DUARTE FILHO, F. C. *Aspectos da guerra fiscal no Brasil: A política de incentivos fiscais em Minas Gerais*. IESP/FUNDAP. Fev./1997.
- PERROUX, F. A economia do século XX. In: SCHWARTZMAN, J. *Economia Regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte, Cedeplar, 1977. P. 143-217.
- PERROUX, F. *A Economia do Século XX*. Porto: HERDER Lisboa.1967.
- RODRIGUES, L. Formação econômica do Norte de Minas e o período recente. In Marcos Fábio Martins de Oliveira e Luciene Rodrigues (Org). *Formação Social e Econômica do Norte de Minas*. Montes Claros, Ed. UNIMONTES, 2000. p.105-172.
- SARAIVA, Luis Alex Silva. *Discursos e práticas de gestão em uma empresa do setor têxtil de Minas Gerais*. Belo Horizonte, CEPEAD 2001 (dissertação de mestrado)
- SOARES, Warley Rogério Fulgêncio. *Arranjos produtivos locais: Desafios e Oportunidades para as Empresas de Confecções de Vestuário do Município de Montes Claros – MG*. Monografia Ciências Econômicas, 2003.
- VIEIRA, Deodete Packer. *Facilitadores no processo de inovação tecnológica*. Tese de doutorado-Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de engenharia de produção, outubro/ 1995.
- <http://www.fusoes.com.br/~ternlim/pesquisa.html>.
<http://www.infoinvest.com.br>.
<http://www.quimica.com.br/revista/qd412/textil5.htm> visita em 30/04/2006.
www.abit.com.br acesso em 10/03/2006.